

Um livro-performance.

É melhor falar do livro *Seu Azul* (Editora Lote 42, R\$ 42,90), do designer paulista Gustavo Piqueira, de um jeito pessoal, já que dessa mesma forma ele foi construído: tiragem limitada de 1000 exemplares numerados, com cada capa cuidadosamente coberta por areia. Sim, areia, dessa que desgruda do adesivo de silicone e cai na mão, na mesa e na cama de quem está lendo. É a experiência individual, formada também por isso, o maior mérito da publicação. Como disse Daniel, meu amigo, após folhear o objeto antes guardado numa sacola plástica para parar de sujar a minha bolsa: *Seu Azul* é um livro-performance.

A começar por Giuliana e Luís Fernando, insuportável casal de classe média que recorre a ajuda terapêutica para melhorar a relação. Após sugestão do analista, eles devem ler durante o jantar títulos de notícias da primeira página dos principais portais jornalísticos do país (somente os títulos pois a vida agitada não permite a leitura das notícias por inteiro; e sempre da primeira página por hierarquizar a informação: se está ali, tem que ser importante). As manchetes discutidas são reais, retiradas realmente dos sites de maior audiência, e variam de “Ivete apalpa bunda de Regina Cazé” a “Conheça características do Batman para te ajudar no trabalho”.

A crítica feita por Gustavo não é – nem por um segundo – sutil. A forma como consumimos informações, a falta de tempo para nossa própria construção, o jornalismo que é considerável dispensável, mas mesmo assim existe e repercute. É também na obviedade que os diálogos do casal cheio de falhas se constroem, assim como a reação do filho Alysson, que todos os dias escuta a conversa dos pais e interpreta o peso do que ouviu através de desenhos. Após cada manchete, um registro da conversa perturbadora é feito pela criança, que passa quase todo o livro sem se manifestar verbalmente. O mal-estar se condensa ali na mistura do lúdico com o violento, a partir dos traços de menino de sete anos estudados e traduzidos por Piqueira.

O deboche com o qual o livro é construído (da narrativa visual à literária, nessa ordem) é no mínimo interessante. Sua leitura é rápida pelas palavras, mas irritante e complicada pela sua forma física. O susto inicial pelos anúncios falsos é desconfortante, assim como os pensamentos tacanhos do casal. Os detalhes propostos por Piqueira na leitura são simples: cada personagem tem sua fonte própria; a bebedeira provoca no texto uma letra por cima da outra; os silêncios nos diálogos são travessões cheios de vazio (aos interessados neste tipo de leitura, fica a sugestão do quadrinho *Asterios Polyp*, de David Mazzuchelli, publicado pela Companhia das Letras).

Enquanto descobria o que, de fato, pensava do livro, abri a bolsa e eis a resposta: um pequeno acidente derrubou areia por todo o interior. Uma garrafinha de água vazou, molhou um pedaço da capa e – de forma dramática! – um pedaço dela se desintegrou ali. Por bem ou por mal, *Seu Azul* e seu criador Gustavo Piqueira conseguem o que querem: um livro que só existe por completo em sua forma física e que, se lido de outra maneira, simplesmente não é mesmo livro. Méritos para Editora Lote 42 que, novata, enxerga e investe neste tipo de publicação.

Publicado no site da Revista Continente, em 13.03.2014.

